

HANS KEILSON

Comédia em tom menor

Tradução

Luiz A. de Araújo



COMPANHIA DAS LETRAS

Primeira edição, Querido, Amsterdam, 1947
Copyright da edição revisada © 1995, 2005 by S. Fischer Verlag GmbH,
Frankfurt am Main.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
Komödie in Moll

Capa
João Baptista da Costa Aguiar

Imagem de capa
Mel Curtis/ Photodisc/ Getty Images

Preparação
Laura Ribas

Revisão
Isabel Jorge Cury
Luciana Baraldi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Keilson, Hans, 1909–
Comédia em tom menor/ Hans Keilson; tradução Luiz A. de
Araújo. — São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Título original: Komödie in Moll.
ISBN 978-85-359-1888-5

1. Ficção holandesa 1. Título.

11-05609

CDD-839.313

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura holandesa 839.313

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Para Leo e Suus, em Delft

1.

“Lá vêm eles outra vez”, disse de repente o doutor, endireitando o corpo. Tão repentino quanto suas palavras, o barulho dos motores de avião cada vez mais perto penetrou o silêncio do quarto da morte. O doutor ergueu o rosto, semicerrou os olhos e escutou.

Como se alguém escondido na casa tivesse acionado um pequeno gerador que começasse a funcionar de chofre, o zum-zum do esquadrão noturno que se aproximava foi aumentando. Também podia vir do porão — foi o que pareceu no começo — ou da casa vizinha... Mas, sem dúvida alguma, eram os bombardeiros noturnos que se anunciavam. Com grande amplitude de voo, chegavam da Inglaterra, sobrevoando a praia que cingia o mar do Norte a poucos quilômetros dali, emitiam sinais luminosos para mostrar a quem os seguia a rota sobre a Holanda e desapareciam na noite pela fronteira oriental. Poucas horas depois, era possível ouvi-los regressar por outro lugar mais ao norte ou mais ao sul. O ruído se afastava em direção ao mar.

O homem e a mulher junto à cama, hesitantes como aquelas pessoas movidas ao mesmo tempo pelo medo e pela tristeza, também ergueram ligeiramente o olhar e escutaram.

“Tão cedo, hoje”, murmurou o doutor.

Perplexo, como se tivesse dúvida quanto ao objeto de sua observação, Wim olhou-o de soslaio.

Os primeiros disparos da noite, estampidos abafados, contrastaram de um modo peculiar com o ronco delicado, quase musical, das aeronaves. As vidraças e as portas estremeceram e vibraram; a casa toda, de construção frágil, reagiu às explosões com uma trepidação leve, nervosa. O início sempre perturbava, mesmo para quem já estava acostumado.

Era fim de março, os dias voltavam a ser mais longos. Quando o doutor chegou, por volta das sete horas, ainda estava claro lá fora.

Mesmo assim, como vinha fazendo havia meses, Marie tratou de cobrir a janela do quarto do primeiro andar, onde “ele” morava. Era um sistema complicado de cordões e ganchos. Ela se encarregava pessoalmente de executá-lo, pois temia que o vissem da rua — uma preocupação um pouco exagerada, pois não havia casa nenhuma defronte.

A casa deles ficava no subúrbio oeste da cidade, numa rua de construções novas e uniformes — suíte embaixo, três quartos com banheiro em cima e sótão com teto baixo — em frente a um parque além do qual a vasta paisagem, interrompida por canais e diques, se espraiava até o horizonte, com estufas e pastos que a guerra desabitara. Ao longe, esfumeava o mar. A noite argêntea como uma geada fulgurante unia terra, céu e água.

O ritual cotidiano do blecaute fazia parte de uma série

de medidas de segurança que passaram a vigorar no dia em que o estranho entrou naquela casa. Quando sobreveio a doença, Marie passou a observá-las com mais cuidado, dominada pelo vago sentimento de que o enfermo representava perigo maior do que um sadio.

Fazia mais ou menos duas semanas que ele estava de cama. A febre arredondava seu rosto e conferia-lhe cor, embora a permanência diária no quarto ao longo de um ano já tivesse apagado, pouco a pouco, os derradeiros laivos de vida. Quase não disse palavra nos últimos dias. O fim se aproximava.

À noite, quando Marie acendia a luz do quarto, ele se mantinha fiel ao antigo hábito de virar o rosto para a parede. A transição da parca luz diurna para a luz mortíça e monótona da lâmpada elétrica empalidecia-o, amarelava-o. Mas o corpo debilitado continuava impassível e imóvel sob as cobertas de lã. A lâmpada, a meia altura no centro do quarto, projetava mais sombra que luz.

Quando lhe deram refúgio, eles a trocaram por uma mais fraca para economizar. E ainda penduraram um pano azulado na leitosa cúpula branca a fim de esmorecer a radiação da luz.

Wim e Marie não eram medrosos por natureza. Ao tomarem a decisão de esconder uma pessoa em casa, sabiam perfeitamente do perigo a que se expunham — sabiam até certo ponto, na medida em que se pode avaliar um perigo *a priori*. Porque este se enquadra na categoria “surpresa”, que ninguém sabe calcular com antecedência.

E se ele cismasse de abrir a janela durante o dia e pusesse a cabeça para fora? Ou resolvesse acender a luz de madrugada, depois de ter aberto a cortina? Não de propósito, tampouco para lhes pregar uma peça... No entanto,

tratando-se de um homem naquela situação, era impossível saber se não seria capaz de uma tolice de uma hora para outra. Afinal de contas, não era nada fácil passar doze meses ou até mais, por vontade própria, sempre à mercê de algum perigo, sozinho num quarto, sentado ou andando de um lado para outro — de pantufas, é claro.

Por nada neste mundo: nem a faxineira, que vinha duas vezes por semana e lá ficava meio período, nem os vizinhos podiam saber que alguém ocupava permanentemente o primeiro andar, ainda que, “graças a Deus”, eles fossem de confiança. Todo mundo era “bom” naquela rua. E como garantir que nas casas vizinhas não havia num quarto quem andasse de pantufas e, de preferência, sem pôr o nariz para fora durante o dia? O fato é que não valia a pena falar nessas coisas. Mexerico era o que não faltava...

“Ninguém pode saber, entende... essa é a condição”, disse Marie, àquela época.

“Claro”, respondera Wim, tranquilo, “ninguém, é óbvio. Mas você precisa pensar bem, isso traz muita...”

“Eu já pensei”, atalhou Marie. Ele sabia que ela não fazia nada de modo irrefletido... “Ninguém, nem mesmo Coba.”

“Nem mesmo Coba, concordo”, confirmou Wim.

Coba era a irmã dele. Morava perto, na periferia de Residenz, a meia hora de bonde. As duas se davam maravilhosamente bem. Coba os visitava com tanta frequência que, a longo prazo, seria impossível esconder-lhe a situação. E por que escondê-la justo dela?... Mas Wim havia dito “concordo”. O tempo se encarregaria de tudo. Mesmo porque qualquer situação carrega em seu bojo inúmeras possibilidades.

“Nem Erik”, prosseguiu Marie.

“Erik?”, pasmou-se Wim, repetindo: “Erik?”. Sem dúvida, ela estava com medo. Ocorriam-lhe os nomes mais absurdos. “Ora, que ideia! Desde que estamos casados, ele esteve... um momento.” Refletiu um pouco. “... Acho que ele esteve aqui só uma vez. Não precisamos nos preocupar... Pior será quando mamãe vier, o que faremos?”

Marie se sobressaltou. “Eu não tinha pensado nessa possibilidade...” Levou as mãos à cabeça e arrumou o cabelo, embora não houvesse nenhum fio fora do lugar... “É... quando chegar visita... Mamãe vai aceitar?”

“Por acaso você pretende contar para ela?”

“Se ela se hospedar aqui, Wim — nada mais natural do que contar.”

“Não acho tão natural assim”, disse Wim, endireitando a gravata...

A primeira onda de aviões sobrevoou a fileira de casas.

Os três conservaram a mesma postura algo encolhida — nunca ninguém se sentia totalmente livre —, a cabeça um pouco inclinada para o lado; com os tiros, que agora se sucediam a breves intervalos, os músculos do pescoço tremiam na tensão da escuta e do perigo que passava sobre a cabeça, fazendo a casa toda vibrar em uma expectativa incerta. Era forte o ronco dos motores. As criaturas artificiais feitas de barras e de metal corrugado, chamadas a uma vida rigidamente alada e efêmera, inundavam terra e céu com a cadência de suas férreas pulsações.

Ali no quarto, morrera um homem.

“Lá vêm eles outra vez...” Eram sempre essas as suas palavras. Às vezes, ainda à mesa do jantar — a única ocasião do dia em que ele se atrevia a descer, como se tivessem combinado —, durante uma bocada, erguia a cabeça, expondo as narinas grandes e peludas sob a ponte muito

adunca do nariz e, de boca cheia, ao mesmo tempo que plantava as mãos na mesa, os talheres em riste, dizia estas cinco palavras: “Lá vêm eles outra vez!”. Como se estivesse à espera.

Mais tarde, quando os dois chegavam e ele se achava sozinho no quarto, ocasionalmente na cama, levantava-se e repetia essa fórmula no silêncio do aposento.

Era sempre o primeiro a ouvi-los.

Wim não se importava. “Ééééé”, respondia, mais perguntando que concordando. Mas não com manifesta incredulidade ou recusa. Fazia-o daquele modo meio desinteressado com que se deixa no ar uma coisa que talvez seja possível, se bem que não naquele exato momento. Nunca interrompia a refeição por causa disso.

“Sim”, dizia Marie e vacilava antes de abocanhar a garfada seguinte, “sim, Nico tem razão... está ouvindo?” E espetava a faca no ar.

“Tão cedo hoje”, prosseguia Nico, consultando o relógio na parede. “Sete e dez.” Seus olhos brilhavam porque os ouvidos não o haviam traído. O zumbido aumentava. Wim também ouvia.

Os primeiros disparos da noite, estampidos abafados, contrastavam curiosamente com o ronco delicado, quase musical, das aeronaves. As vidraças e as portas estremeciam e vibravam; a casa toda, de construção frágil, reagia às explosões com uma trepidação leve, nervosa. O início sempre perturbava, mesmo para quem já estava acostumado.

“Hoje eles querem voltar cedo para casa, por favor, Marie, passe a batata”, pedia Wim. Ficava satisfeito com a ríspida explicação e achava que tinha alijado aquele assunto tão desinteressante. “Comam! Vai esfriar!”

“Não, Wim, não”, contrapunha Nico, um pouco irrita-

do, como se para ele fosse uma questão existencial, e, baixando a cabeça com a boca cheia, olhava para a frente, “não, eles têm lá os seus motivos... deve ser um voo longo, entende? Talvez para Berlim ou — sim, com certeza para Berlim, nós estamos bem na rota de Berlim.” Falava com tanta convicção que parecia ter participado de modo ativo da elaboração dos planos daquele bombardeio noturno.

“E como você passou o dia, Nico?” — prosseguia Wim, como sempre, esquivando-se sumariamente de Berlim.

E Nico respondia com a mesma docilidade: “Obrigado, Wim, eu estou satisfeito, a hospedagem é boa, e me dediquei um pouco ao estudo de línguas, inglês e francês” — de acordo com o que fizera durante o dia.

“E quantas partidas de xadrez ganhou?”

Embora não fosse um grande enxadrista, jogava com fervoroso entusiasmo.

Quando o dia tinha sido bom, Nico dava à pergunta dissimuladamente maldosa uma resposta do mesmo naipe, por exemplo: “Nenhuma, Wim, nenhuma, hoje eu enfrentei um adversário fortíssimo...”.

Sempre jogava sozinho. Ficava horas e horas no quarto, sentado à mesinha quadrada, o tabuleiro com as peças diante dele. O lugar oposto vazio... e2-e4, e7-e5, p1-p3 etc. Em geral passava muito tempo assim, a cabeça apoiada na mão, pensando intensamente. Em um problema de xadrez? Em —?

No dia seguinte, mal conseguia esperar que Marie subisse com o jornal às cinco da tarde.

Escondido atrás da cortina, observava a vendedora de jornais atravessar rápido o pequeno jardim. Muitas vezes, saía às pressas do quarto — com as pantufas, é claro, como ficara combinado desde o começo — e, ainda lá em cima,

debruçado no corrimão, ouvia o farfalhar do jornal passando pela abertura da caixa de correio e, a seguir, o baque urgente ao cair no piso de pedra. Os segundos que então se seguiam eram os mais tensos de sua vida clandestina. Será que eles entendiam isso — os seus anfitriões?

No alto da escada, esperava que, pouco depois, Marie saísse do quarto, onde àquela hora estava às voltas com um trabalho de costura, para pegar o jornal. Ela o desdobrava, lia as manchetes — Mentiras! Só mentiras! Mas fazer o quê, era preciso assinar um jornal por causa dos mantimentos —, virava a página, lia as notinhas sociais, falecimentos, noivados, nascimentos — sim, mesmo em tempo de guerra as pessoas continuavam se amando e pondo filhos no mundo — e, lendo ainda, subia a escada.

“Nico”, chamava em voz tão baixa que nem o mais atento abelhudo seria capaz de ouvir, só ele, que ela sabia estava aguardando lá em cima — “Nico, você acertou mais uma vez, de fato — ” Gostava de lhe dar esse prazer.

Mas também acontecia amiúde de ela esquecer e Wim ser o primeiro a pegar o jornal ao chegar do escritório. Ou de Marie estar na cidade na hora, fazendo compras.

Então, Nico se sentava no alto da escada e travava uma dura batalha consigo mesmo, perguntando-se se não dava, com muito cuidado, com muito cuidado mesmo, podia até tirar as pantufas... se não dava para descer de meias, pé ante pé; era inegável que isso faria uma pequena diferença; ou então escorregar no corrimão, como gostava de brincar na infância —, ele sabia com precisão em que degraus a madeira cedia e rangia, no terceiro e no quinto do primeiro lanço, contados de cima para baixo, e no primeiro e no quarto do segundo.

Porém, nunca se arriscava. Apesar de convencido de

que ninguém, absolutamente ninguém neste mundo, poderia ouvi-lo... Era contra o combinado, ele se abstinha. E isso quase lhe excedia as forças. Ninguém sabia da luta que o devastava por dentro.

Então se apressava a pensar em outra coisa, na agonia e na atrocidade que o aguardavam, mas das quais ele escapara para enfrentar uma nova tortura ali. “Em toda parte, esperam-me agonia e atrocidade”, dizia consigo. “Em toda parte.”

Passado algum tempo, levantava-se e voltava furtivamente para o quarto. —

“Escutem, escutem”, disse o doutor quando as descargas da defesa antiaérea trovejaram com força nas proximidades, “essas são das pesadas.”

Os bombardeiros sobrevoavam o quarteirão o tempo inteiro. Era como se percorressem todos os cômodos da casa ao mesmo tempo.

Ele olhou alternadamente para a mulher e para o homem, sentiu aproximar-se aos poucos o medo contido que tinham da morte ruidosa e da silente, e examinou o jogo de sombras da luminária no teto amarelado.

Aí, tornou a se curvar sobre a cama e apalpou o corpo que esfriava devagar.

Wim estava com as mãos às costas, olhando para o chão. Temos de enterrá-lo, pensou, é claro, todo morto precisa ser enterrado. Mas como —?

“Que noite essa, no abrigo antiaéreo, enquanto a casa desaba sobre a gente...” O doutor não concluiu a frase. Morto é morto, a gente pode morrer em qualquer lugar. E viver, dá...?

Marie pousou timidamente a mão na borda arqueada da guarda do pé da cama. Foi como tocar o próprio defun-

to. Olhou-o. Ali jazia com a densa barba por fazer. Preto era o cabelo emaranhado e despenteado que lhe caía na testa ossuda e estreita, a barba, que na doença crescera com exuberância, tinha um brilho avermelhado. A boca lassa, entreaberta, com o queixo um pouco pendente, dava uma forma mais oval ao rosto doentio. Como envelhecera! Tudo isso mais a lembrança do Nico a quem ela dera refúgio em casa condensaram-se em Marie numa determinada linha de raciocínio. Curioso que, com ele em vida, aquilo não lhe chamasse tanto a atenção. Pensou na Bíblia, posto que não fosse religiosa, no Antigo Testamento, de cujo povo ele era filho. Jó devia ter sido assim, pensou.